



## **GOTA D' ÁGUA: AS RELAÇÕES DE PODER E A (DES) CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS NA FAVELA**

Caroline Narcizo Carcuchinski  
Marcela Türck Linck.<sup>1</sup>  
Ana Mariza Filipouski<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho busca investigar como o cenário da tragédia brasileira *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, influencia as relações de poder estabelecidas entre as personagens. Focaliza a contribuição do espaço, uma favela do subúrbio do Rio de Janeiro, para a (des)construção das relações humanas, abordadas pelos autores da obra.

**Palavras-chave:** Favela. Relações. Desconstrução.

### **1 Introdução**

Quando a peça foi escrita, em 1975, o crescimento das favelas no Rio de Janeiro se propagava. Devido ao grande fluxo migratório e à baixa remuneração oferecida aos trabalhadores, a população que se deslocava para as grandes cidades acabava procurando alternativas baratas de moradia e encontrava-as em precários conjuntos habitacionais. Essas moradias surgiam pela necessidade de acomodar a população que não tinha condições de pagar pelos altos aluguéis cobrados em grande parte da cidade.

A construção e a ocupação dos conjuntos habitacionais contribuíram para que houvesse uma significativa modificação do espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro, alterando, conseqüentemente, as relações sociais. Isso repercute na literatura que se produz na época, preocupada em mostrar com verossimilhança as precárias condições humanas de boa parte da população urbana.

### **2 Metodologia**

Buscou-se analisar os aspectos intrínsecos e extrínsecos da obra *Gota d'água*, associando-os a elementos extraídos da teoria literária. Investigou-se também as relações

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do curso de Letras pela Faculdade-Porto Alegre (FAPA) - disciplina Crítica Literária I - [carolcarcuchinski@yahoo.com.br](mailto:carolcarcuchinski@yahoo.com.br); [marcela.linck@gmail.com](mailto:marcela.linck@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da Faculdade Porto Alegre (FAPA) - [anafili@terra.com.br](mailto:anafili@terra.com.br)

de poder atreladas ao processo de desconstrução das relações humanas influenciadas pelo espaço da favela.

### 3 Discussão

Segundo Salvatore D'Onófrío (2004),

O espaço da ficção constitui o cenário da obra, onde as personagens vivem seus atos e seus sentimentos. As descrições de cidades, ruas, casas, móveis, etc. funcionam como pano de fundo dos acontecimentos, constituindo índices da condição social da personagem (rica ou pobre, nobre ou plebéia) e de seu estado de espírito (ambiente fechado = angústia; paisagens abertas = sensação de liberdade). A correspondência da isotopia espacial com o tema geral da obra se dá particularmente na estética do realismo, que confere extrema importância às influências do ambiente na constituição da psique da personagem (D' ONÓFRIO, 2004, p.98).

Em *Gota d'água*, o espaço que contribui para a constituição das personagens é a favela, cenário onde normalmente são encontradas as piores condições de moradia oferecidas a uma determinada classe social. Os moradores da favela, na obra, não possuem profissões bem remuneradas, e a figura do malandro ganha destaque como habitante característico desse ambiente. O personagem Jasão é a representação do malandro que estabelece relações com pessoas que possam lhe oferecer algo em troca. Primeiramente, Jasão casa-se com Joana, mulher mais experiente, com quem aprendeu a ver o mundo com novos olhos, o que nele despertou a ambição. Joana é a grande responsável pela construção dessa figura em Jasão, como se pode verificar no trecho a seguir:

Joana: Pois bem, você  
vai escutar as coisas que eu vou lhe fazer:  
te conheci moleque, frouxo, perna bamba,  
barba rala, calça larga, bolso sem fundo  
Não sabia nada de mulher nem de samba  
E tinha um puta dum medo de olhar pro mundo  
As marcas do homem, uma a uma, Jasão,  
Tu tirou todas de mim. O primeiro prato,  
O primeiro aplauso, a primeira inspiração,  
A primeira gravata, o primeiro sapato  
De duas cores, lembra? O primeiro cigarro,  
a primeira bebedeira, o primeiro filho,  
o primeiro violão, o primeiro sarro,  
o primeiro refrão e o primeiro estribilho  
te dei cada sinal do teu temperamento  
te dei matéria-prima para o teu tutano  
e mesmo essa ambição que, neste momento,  
se volta contra mim, eu te dei, por engano  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p. 88)

O casamento de Jasão e Joana foi o princípio da formação do malandro. Quando Jasão percebe que os benefícios da relação com Joana se esgotaram, ele procura novas

alianças. Após ter encontrado em Joana a inspiração e todas as ferramentas para o seu samba, Jasão almeja o sucesso, única coisa que ela não tinha condições de lhe proporcionar, devido a sua posição social. Nesse instante aparece a figura de Creonte, pertencente a uma classe social mais elevada, dono do conjunto habitacional. Jasão vê nele a possibilidade de crescimento para sua música, que não encontrava em Joana. Em trecho da obra, Jasão discute com Joana sobre os motivos da separação e reluta para não confessá-los. Jasão é tão pressionado que acaba se rendendo às cobranças da ex-mulher e demonstra que premeditou algumas das atitudes que lhe fizeram ascender socialmente:

Joana: Vale nada, Jasão  
Amor com prazo fixo vale nada  
Eu achei que você estava ao meu lado  
de olhos fechados, sem hora marcada,  
dormindo sem receio e sem recado  
pra acordar. Mas não, você estava alerta,  
deitado com um pé fora da cama,  
esperando chegar melhor oferta  
pra esmagar no cinzeiro a velha chama  
e correr ao sabor de uma ambição  
que assim, da noite pro dia, eu deixei  
de satisfazer... Então vai, Jasão...  
Jasão: Não foi por isso que eu me separei  
Joana: Ah, não, Jasão?...  
Jasão: Não...  
Joana: E por que foi?...  
Jasão: Não,  
não foi por isso...  
Joana: Sei...  
Jasão: Não foi por isso...  
Joana: Então não foi...  
Jasão: Foi, você tem razão  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p.132)

Para contribuir com o crescimento da ambição de Jasão, Alma, filha de Creonte, se apaixona pelo malandro e acaba beneficiando-o. Creonte, em nome da felicidade da filha, patrocina o samba de Jasão, o que também resulta em lucros para ele.

Jasão: O que é que e tenho que lhe interessa?  
Creonte: Me interessa? Pra quê?...  
Jasão: Pra me aceitar  
como teu genro...  
Creonte: Você?... Bem, Jasão,  
Pra ser sincero, você, não tem nada...  
Bom... nada é só uma força de expressão  
Desde que a mãe morreu, Alma, coitada,  
Virou um contrapeso pro meu luto  
E a minha vida é fazê-la feliz  
Se ela te escolheu, eu gosto não discuto...  
Tentei... falei de Europa, ela não quis  
E como tu não tens papel passado

Co'aquela mulher, acabei cedendo  
Agora até gosto de ti. Tou vendo  
Este bairro ficar mais comentado  
Com tua canção. Fico agradecido  
Quem que não gosta de ser conhecido,  
É ou não é? Alma tem vaidade  
De teu samba e, hoje, confesso, eu também...  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p.110)

Benjamin Abdala Junior (1995, p.49) afirma que: “O espaço social, enquanto sistema de valores, projeta-se na psicologia das personagens formando em seus cérebros, simbolicamente, um espaço. Esse espaço – seu sistema de valores – determina o que ela pode ou não fazer”. Assim como o espaço urbano é representado pela favela, percebe-se também a existência de um espaço social, aquele em que as personagens estão inseridas num sistema de valores. Na obra *Gota d'Água*, o espaço é representado por dois grupos: os moradores da favela e a família de seu Creonte. Há uma diferença entre os valores de cada grupo. A comunidade, na qual Jasão estava inserido, pertence à classe baixa e é composta de lavadeiras, gigolôs e vagabundos que passam o dia reunidos em botecos, jogando conversa fora e compondo sambas. A família de Creonte representa uma classe social elevada, cujos valores estão relacionados à aquisição de bens materiais. A união de Jasão e Creonte representa a junção desses sistemas de valores opostos e ambos se beneficiam: Jasão contribui com o conhecimento que tem sobre o povo da favela, seu modo de vida, anseios e necessidades; Creonte, com seu dinheiro e influência, colabora com a ascensão do genro, além de usar as idéias dele para conter a revolta de seus inquilinos, insatisfeitos com as altas prestações que pagam por suas casas:

Jasão: Não fique pensando que o povo é nada,  
Carneiro, boiada débil mental,  
Pra lhe entregar tudo de mão beijada  
Quer o quê? Tirar doce de criança?  
Não. Tem que produzir uma esperança  
De vez em quando pra a coisa acalmar  
E poder começar tudo de novo  
Então, é como planta, o povo,  
Pra poder colher, tem que semear,  
Chegou a hora de regar um pouco  
Ele já não lhe rendeu tanto? Em ações,  
Prédios, garagens, carros, caminhões  
Até usinas, negócios de louco  
Pois então? Precisa saber dosar  
Os limites exatos da energia  
Porque sem amanhã, sem alegria,  
Um dia a pimenteira vai secar  
Em vez de defrontar Egeu no peito,  
Baixe os lucros um pouco e vá com jeito,  
Bote um telefone, arrume uns espaços  
Pras crianças poderem tomar sol

Construa um estádio de futebol,  
Pinte o prédio, está caindo aos pedaços  
Não fique esperando que o desgraçado  
Que chega morto em casa do trabalho,  
Morto, sim, vá ficar preocupado  
Em fazer benfeitoria, caralho!  
Com seus ganhos, o senhor é quem tem  
Que separar uma parte e fazer  
Melhorias. Não precisa também  
Ser o Palácio da Alvorada, ser  
Páreo pr'uma das sete maravilhas  
do mundo. Encha fachada de astlhas  
que eles já acham bom. Ao terminar,  
reúna com todos, sem exceção  
e diga: ninguém tem mais prestação  
atrasada. Vamos arredondar  
as contas e começar a contar  
só a partir de agora...  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p.112)

À medida que as relações de poder se estabelecem na favela, relações humanas vão sendo desconstruídas. Depois de ser abandonada por seu grande amor e pai de seus dois filhos, Joana sofre com a desconstrução de seu casamento a ponto de não dormir, não comer e de não cuidar mais de suas crianças. Esse acontecimento foi muito mais impactante para ela, pois Joana estabelecia, de fato, uma relação profundamente amorosa com o malandro, uma entrega que não ocorreu da parte dele.

O cenário da favela pode influenciar o comportamento revoltado e agressivo de Joana, pois as casas do conjunto habitacional compõem um espaço pequeno, no qual todos se conheciam e uns sabiam da vida dos outros. Portanto, era de conhecimento dos vizinhos que ela havia sido trocada por uma mulher bem mais jovem, filha do poderoso dono das casas onde todos moravam. Joana sabia que a comunidade falava da vida dela, julgando suas atitudes e, por mais que oferecessem apoio, no fundo, todos admiravam a ascensão social na vida de Jasão, desejo comum à maioria dos moradores de uma favela. A comunidade demonstrava uma compaixão por Joana que não existia de verdade, estar ao lado dela era um pretexto para informar-se sobre os últimos acontecimentos dentro do conjunto e, mais, era uma maneira de mascarar a luta em prol dos direitos da comunidade. O sofrimento de Joana foi usado para justificar a revolta do povo, descontente com as condições precárias da favela e altas prestações cobradas por Creonte. Juntaram-se para reivindicar diante do líder a permanência de Joana nos conjuntos e, assim, aproveitaram para falar de seus direitos.

Egeu: Bom... Eu agora queria  
falar. A fúria e indignação  
pertencem a Joana. Sua mazela  
é sua. A dor é dela. O homem dela,

seu destino, seu futuro, seu chão,  
seu lar e os filhos dela. Acabou. Chora  
em nome dela quem é amigo dela  
Amigo de Jasão que acenda vela  
em nome dele. Tá entendido? Agora,  
não pode mais deixar acontecer  
é que locador, com base legal  
num contrato assim antissocial,  
venha botar pra fora essa mulher  
Todos: Isso-De acordo-Não dá-Tá falado  
Egeu. Não pode porque é suicídio. Se a gente  
Deixar Creonte jogar calmamente  
Essa mulher na rua, o despejado  
Amanhã pode ser você. Você  
Você. Tá certo, Joana tratou mal  
O locador. Problema pessoal,  
Não interessa a razão e o porquê  
Mas ninguém pode viver num lugar  
Pelo qual pagou mais do que devia  
E estar dependendo da simpatia  
De um cidadão pra conseguir morar  
Tranquilo. Não. O seu chão é sagrado  
Lá você dorme, lá você desperta,  
pode andar nu, cagar de porta aberta,  
Lá você pode rir, ficar calado  
Lá você pode tanto querer bem  
Quanto querer mal a qualquer mortal  
Você é papa, rei, Deus, general,  
Sem ter que depender de “Seu” ninguém  
E já que todo mundo quer falar  
Com Creonte sobre essa prestação  
que nunca acaba, por que não, então,  
ir logo lá duma vez pra matar  
os dois assuntos? Vamos...  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p.139)

Fica claro na fala de Egeu que a luta e a união da comunidade não era pelo bem estar de Joana, a mulher, mãe, amiga vizinha, mas pela Joana locatária, como todos os outros. O movimento perde força quando Creonte oferece melhorias no espaço em que vivem. Verifica-se, então, mais uma desconstrução de relações:

Creonte:Aqui ninguém mais tem prestação atrasada  
Isso mesmo que eu disse. Abono especial  
Prestação antiga já pode ser riscada do mapa.  
Quem estiver atrasado e tal,  
Passe no escritório que o meu advogado  
Cuida de caso por caso  
(BUARQUE E PONTES, 2009, p.144)

No momento em que a comunidade percebe que seus problemas haviam acabado, eles esquecem totalmente de Joana, como Jasão fez assim que surgiu-lhe uma boa oportunidade. Então, pode-se constatar que mais uma vez o poder de Creonte interfere nas

relações humanas presentes na obra. A relação entre a comunidade e Joana é desconstruída.

#### 4 Conclusão

Os autores de *Gota d' Água* retratam um espaço que estava em crescimento no período em que a obra foi escrita, a favela. Para isso, representam satisfatoriamente as figuras que pertencem a esse espaço. Jasão, Creonte e Joana são as personagens que se destacam. Creonte simboliza o poder; Jasão, a malandragem; Joana, o amor passional. No início, Joana estabelecia uma relação de poder com Jasão, pois ele dependia dela para tudo, aprendeu muito da vida com ela. Porém, Jasão se torna um esperto malandro que busca ascender socialmente e sabe que, para alcançar seus objetivos, deve aliar-se a Creonte, estabelecendo assim mais uma relação de poder. Para Jasão conseguir o apoio de Creonte, precisou romper relações com Joana. Possivelmente, Jasão torne-se o novo líder da favela, o substituto de Creonte, mas talvez, seu samba renda tanta fama e dinheiro que ele acabe novamente desconstruindo relações, almejando cada vez mais sucesso.

A comunidade, muito menos ambiciosa do que Jasão, carregava com força a importância que tinha o “chão sagrado” para um indivíduo. É por esse chão, a favela, que os moradores desconstróem a relação humana com Joana e se submetem à relação de poder estabelecida por Creonte. O que interessava para todos, de uma maneira geral, eram melhorias em suas vidas e cada morador do conjunto habitacional tinha sua pretensão: Creonte queria cada vez mais tirar dinheiro do povo e ver a filha feliz; Jasão queria que seu samba ficasse famoso; Joana queria continuar vivendo ao lado de seu amor; O povo da favela pretendia ter sua casa própria, sua privacidade e parar de ser extorquido por Creonte.

Conclui-se pelas relações apresentadas no cenário na favela que nenhuma delas é tão importante quanto à ambição que os personagens revelam ao longo da obra. Incansavelmente, as personagens tentaram alcançar seus objetivos, independentemente das relações que deveriam ser estabelecidas e das que poderiam ser desconstruídas para realizarem aquilo que pretendiam.

#### Referências

- BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. Gota d'água. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- D'ONÓFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 2004.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. Introdução à análise da narrativa. São Paulo: Scipione, 1995.